PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

REVISTA MENSAL
ANO IX - Nº 93

DESFRUTE TUDO O QUE TEM DIREITO: ENVIE SEU ANÚNCIO PARA O "CORREIO" E DÊ UM NOVO RUMO À SUA VIDA

VIBRE

CLOSE

TRAZEMOS PARA O LEITOR MODELOS GOSTOSAS, TESUDAS E SACANAS, QUE VÃO DEIXÁ-LO EXCITADO

VAMOS! O QUE ESTÁ ESPERANDO?! MANDE SUA FOTO PARA "LEITORES EM CLOSE" E DIGA ADEUS À SOLIDÃO!

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

NÃO DEIXE DE LER AS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS CONTADAS PELOS LEITORES

PRIVATE

REVISTA MENSAL - ANO IX - Nº 93 - OUTUBRO DE 1992

GALVÃO
EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Diretor e Editor Responsável:
Pedro Galvão Moreira

Diretor da Redação e Produção:
Moacir Machado

Diretora de Arte:
Sílvia Ribas

Arte Final:
Fábio Rodrigues Moreira

Redatora:
Ivonete M. Nascimento

Revisor:
Roberto Zoccola

Fotografias:
Real Press International

Composição de Texto:
Studio Private

Fotolitos:
Yanguer

Distribuição exclusiva para todo o País:
Fernando Chinaglia Distrib. S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655 - Rio de Janeiro - RJ.

PRIVATE é uma distribuição mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 86 - Luz - São Paulo, SP, CEP 01105 - Telefone 228-4618. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.

EDITORIAL

Neste mês de outubro, desperte a criança que existe dentro de você e parta para as travessuras que, em outras épocas, eram castigadas com pelo menos um puxão de orelhas. Felizmente, todos nós ainda guardamos um pouco dessa pureza, hoje regulada por fatores disciplinares de nossa fase adulta. Para aqueles que quiserem ir mais além, com formas de brincar mais ousadas que a inocência infantil, a Private está aí para ajudar. No jogo do sexo, tudo é permitido e não deve ser reprimido. Com responsabilidade, não se acanhe e responda às propostas de transa apresentadas.

NESTA EDIÇÃO

4 DIÁRIO SEXUAL
Aventuras incríveis de muito amor, sexo e prazer, vividas e contadas pelos próprios leitores

15 TRIBUNA DO LEITOR
Este é o cantinho onde quem manda (e não pede) é o leitor. Saiba usar o espaço e bote a boca no trombone!

23 CORREIO CONFIDENCIAL
Nesta seção, quem procura acha! Seja de que tipo for a transa que lhe interessa, ela está aqui. Procure...

42 LEITORES EM CLOSE
Saiba que, neste espaço, você pode encontrar alguém que se encaixa direitinho no seu dote. Habilite-se...

33, 38 e 74 TESUDÍSSIMAS
As garotas Private estão demais! Aprecie seus ensaios, em cores, e fique babando de desejo

NOSSO PRIMEIRO MÉNAGE

Não vou fugir do convencional que a Private nos transmite, através do gênero criativo com o qual muitos relatam suas histórias e fantasias. Porém, deixo claro que esta não é uma fantasia criada da mente. Realmente, foi uma aventura de mais de seis meses, que nos trouxe muitos prazeres e alegrias - o nosso primeiro ménage.

No início de 87, consegui induzir minha mulher, Mara, a aceitar um relacionamento com outro homem. Claro que eu estaria junto, assistindo e participando, mas sem homo masculino e sadomasoquismo de ambas as partes. Compramos várias revistas pornográficas, mas foi através da Private que conseguimos selecionar um rapaz que se dizia simpático, tímido, viril e bem-dotado. Esta última qualidade, aliás, era a exigência de minha esposa.

Após trocarmos várias cartas, marcamos data e local para o encontro. Tudo acertado: Carlos (esse era seu nome) estaria nos esperando em um ponto estratégico, com um envelope na mão. Passamos pelo rapaz por duas vezes e constatamos que seria o parceiro ideal. Embora não fosse bonito, era simpático e parecia ter muito carisma. Depois da abordagem, dirigimo-nos, os três, até o carro e seguimos para um barzinho, onde trocaríamos idéias e tomaríamos um chopinho.

Dentre as muitas coisas que falamos, é claro, trocamos idéias sobre os prazeres do sexo, gostos e demais afinidades íntimas. Carlos nos relatou que já havia tido uma experiência do gênero, por duas vezes com um único casal. E citou minuciosamente os detalhes do relacionamento entre os três. Mais ele falava, mais nosso tesão era aguçado. Notei que Mara, a todo momento, se movimentava na cadeira, mas, sem ligar para o fato, pedi licença e fui aliviar alguns chopes.

Ao retornar para a mesa, encontrei Carlos dirigindo-se ao banheiro. Perguntei a Mara se ela havia desistido e minha esposa respondeu que muito pelo contrário. Contou que os movimentos que fazia na cadeira eram para tirar o fio-dental, já que Carlos a bolinava com o dedo do pé. Para comprovar o que dizia, levou minha mão até sua peladinha, fazendo-me notar como estava úmida.

No caminho do banheiro, Carlos me havia confidenciado que chuparia Mara todinha, da cabeça aos pés, inclusive sua bundinha. Isso me deixara vidrado de tesão. Os três superexcitados, resolvemos dirigir-nos para um motel. Então pagamos a conta e saímos. No meio do caminho, em um parque escuro, estacionei o carro para urinar. Notara que o braço de Mara estava sempre pendurado no encosto do banco, mas não conseguia saber se estava de mãos dadas ou se masturbava o cacete de Carlos.

Quando voltei para o carro, o banco do carona, onde minha mulher estava, havia sido reclinado. O que vi até hoje me deixa tesudo: a cabeça de Mara subia e descia no colo do rapaz. Só consegui ver uma pequena parte do pênis, que ficava de fora de sua boca gulosa. No entanto, deu para notar que era exatamente como ela queria: um caralho enorme! Elogiei sua iniciativa e toquei para o motel.

Mara seguiu, no caminho, deliciando-se numa gostosa chupeta, elogiando sabor, tamanho e grossura da piroca de Carlos. Uma ou outra vez ouvi-a pedir para que o rapaz não gozasse em sua boca, ainda. Queria sentir o sabor do seu leite depois, com mais liberdade. Mal adentramos a suíte, Carlos foi direto para o banheiro. Ficamos esperando, na cama, eu completamente nu, Mara apenas com o fio-dental preto, que ela recolocara.

Ao voltar ao quarto, Carlos ficou por alguns instantes olhando Mara com minha piroca em sua boca. Não resistiu muito e também tirou suas roupas, ficando só de sunga. Aproveitou que a bundinha de minha esposa estava virada para cima e tratou logo de iniciar ali suas carícias. Lambeu suas costas, coxas e bunda. Em pequenas convulsões de tesão, Mara quase mordeu o meu cacete. Pedi-lhe que parasse, pois do contrário logo encheria sua boca de porra. Gingando o corpo, Mara

deu o maior beijo em Carlos, passando a lamber seu pescoço, peito, barriga, até chegar na altura do caralho, onde passou a esfregar o rosto sobre a sunga.

Até então, não tinha visto a pujança do cacete. Mara acariciou, beijou, apalpou e, não resistindo mais, foi baixando lentamente a sunga, com o rosto encostado na virilha do rapaz. Uma surpresa agradável para ambos! De dentro da minúscula peça de roupa, saltou um cacete de 19 por cinco centímetros, com uma cabeçorra avermelhada, brilhante, mas até que pequena em proporção ao tamanho do pau. Na ponta da glande, que minha mulher encostava no rosto, aquela tradicional gota brilhante de pré-porra, querendo sair, foi por ela sorvida.

Não resistindo mais, Mara enfiou o mais que pôde o cacete na boca, fazendo o tradicional vaivém. Em seguida, tirou da boca, lambeu toda a extensão, chupou o saco peludo, lambeu a bunda cabeluda, passou a língua no ânus e, depois, deitou de costas. Então passou a ser chupada, lambida e beijada em todos os seus pontos sensíveis por duas bocas famintas; acariciada por quatro mãos. Sentei ao seu lado e ofereci meu caralho para que chupasse, ao mesmo tempo que Carlos iniciava a penetração no tradicional papai-e-mamãe, para que sua boceta lisa e apertada se acostumasse com as dimensões do seu cacete.

Nas primeiras estocadas de Carlos, Mara quase mordeu meu pau. Mas depois foi acostumando-se e sentindo que sua peladinha queria muito ser penetrada por aquele cacete, o que não demorou muito, devido à habilidade do rapaz e pelo tesão que ambos sentiam. Nesse momento, tirei o caralho da boca de minha mulher e fiquei na condição de voyeur, só assistindo àquela tora entrar e sair. No mínimo, ela deve ter tido uns três orgasmos naquela posição. Depois de pedir um tempo, Mara voltou a cair de boca no cacete de Carlos, sentindo o gosto do seu próprio gozo.

Já refeita, Mara ficou de quatro e pediu ao rapaz que penetrasse sua bocetinha por trás. Sendo prontamente atendida, quis que eu a deixasse chupar-me enquanto era fodida. Que espetáculo! Nunca me havia chupado daquela maneira! Carlos gozou, mas não demonstrou, como é normal, com gemidos e suspiros. Mara virou-se na cama, largando meu cacete, e pediu-me que agora eu a chupasse. Surpreso, senti o gosto da porra em minha boca, mas não achei desagradável. Nunca imaginara que isso poderia acontecer e não deixei transparecer minha reação. Demos uma pausa para a cervejinha, o cigarrinho e um bom banho.

O que rolou no banheiro é inexplicável; levaria o espaço todo da revista para citar. Mas vou tentar abreviar. Mara deu um

banho em Carlos, tanto de chuveiro como de língua. Lambeu e chupou sua bunda peluda, saco, caralho; foi fodida de pé, na frente, por trás, com uma perna levantada; depois chupava novamente sentindo o gosto da porra. Eu a tudo assistia. Sua fenda agora já estava totalmente acostumada com o cacete do rapaz. Quando saímos do banheiro, Mara veio para o quarto com os braços no pescoço de Carlos e as pernas entrelaçadas em sua cintura. O caralho estava todo enterrado em sua grutinha linda, doce e cheirosa. Deitaram-se ainda naquela posição, com minha mulher cavalgando o corpo do amante, ora tirando, chupando, voltando à penetração. Então chegou a minha vez do banho.

Ao sair do banheiro, achei estranho o extremo silêncio que imperava no quarto. Espiando, vi Mara ajoelhada, ao lado da cama, no chão, enquanto Carlos, deitado na beirada da cama, levava a maior chupada. Minha mulher tinha um dedo na boca do rapaz, que ele sugava enquanto ela não parava com a cabeça, num verdadeiro vaivém bocal. Sua outra mão estava por baixo da bunda do amante; eu não entendia por quê! Carlos começou a suspirar cada vez mais alto. Seu ventre subia e descia, assim como a cabeça de Mara, que acompanhava os movimentos da piroca dentro de sua boca faminta e quente.

Não demorou muito e, com a aceleração dos movimentos, Carlos gozou uma torrente de porra, que escapou da boca de Mara e escorreu por suas bolas, molhando o queixo e o pescoço dela. Passado o espasmo dos dois, minha mulher começou a lamber as bolas e toda a extensão do caralho, deixando-o limpo e brilhante. Como estava ficando muito tarde, resolvemos ir embora, descansar e repor as energias dispendidas.

No dia seguinte, conversamos sobre nosso primeiro ménage. Mara estava muito dolorida pela dimensão do seu novo cacete. Queixava-se de que tudo lhe ardia; até mesmo o cuzinho, que, embora ela não o tenha dado, permitiu que ele lhe enfiasse dois dedos, sentindo, então, um orgasmo múltiplo. Também confessou que, quando Carlos gozou em sua boca, naquela posição, teve um grande orgasmo, mesmo sem penetração. Disse, ainda, que, quando estava com a mão por baixo da bunda peluda de Carlos, na verdade penetrava-lhe o cuzinho com o dedo, depois de tê-lo salivado bastante, para facilitar a entrada.

Outra coisa que eu e Mara descobrimos é que o sabor do esperma varia de homem para homem, muito embora, até então, ela tivesse experimentado somente o meu. Falou que a porra de Carlos era doce, quente, suave e menos ácida que a minha. Seu amante tinha também a particularidade de ejacular uma grande quantidade de porra e gozar nunca menos de quatro vezes em cada duas horas. Agradecemos muito a iniciação que ele nos proporcionou. Pode ter certeza, Carlos, que guardamos boas lembranças dos seis meses em que durou nosso relacionamento.

Hoje, eu e Mara não temos mais praticado essas brincadeiras prazerosas. Depois de Carlos, houve apenas alguns poucos homens em nossas atividades sexuais, mas todos previamente selecionados. Se algum leitor tiver interesse, pedimos que nos mande um recado através de um jornal aqui de Porto Alegre, já que não temos caixa postal.

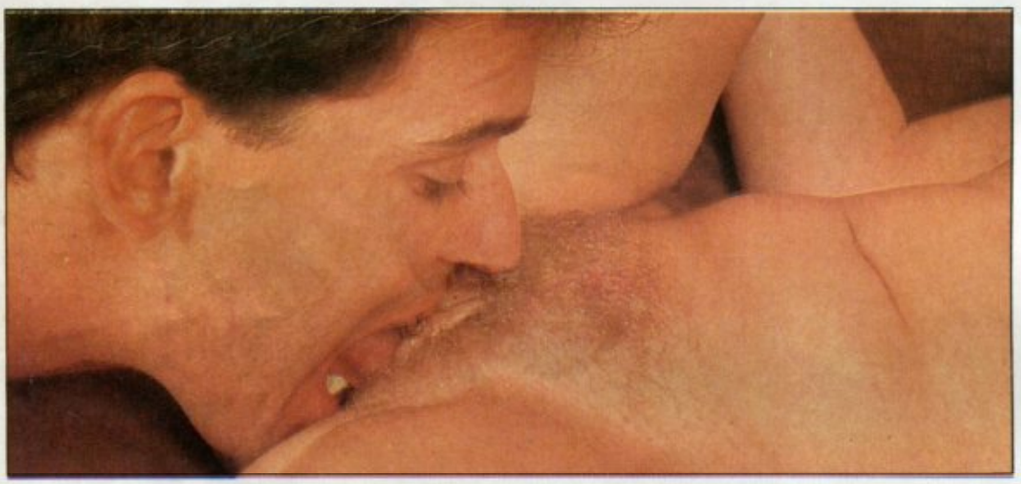
B/M, Porto Alegre, RS.

VIRGEM, MAS MULHER

Na vida é sempre assim: tem gente com muitas histórias para contar e gente que passa a vida ouvindo estórias!

Tanto tempo faz, que tive de puxar pela memória para coordenar os fatos deste relato. Hoje com mais de 40 anos, tinha, à época, somente 20, mas com muita experiência, pois, apesar de ter nascido mineiro do Interior, morava no Rio de Janeiro já há alguns anos.

Em uma de minhas viagens a minha terra natal, cujo nome prefiro omitir por motivos óbvios, conheci uma garota muito bonita, de 18 anos, mais cheinha que magra, com tudo no lugar: peitos grandes, macios e deliciosos, rosto bem-feito, pernas grossas e... virgem! Era a única filha mulher, dentre vários irmãos. Eu seria seu primeiro (e único) namorado.



Por incrível que pareça, Lu (vou chamá-la assim) nada sabia sobre homens, namoro etc. Era daquelas que acreditava que uma moça corria o risco de engravidar pelo simples fato de dançar colada ao rapaz. Eu passava o maior sufoco tentando explicar-lhe tudo, como funcionavam nossos órgãos, como se beijava; aquela luta infernal para conseguir tocar seus seios... Ela sempre pronta para ouvir, mas nunca disposta a cooperar.

Nosso namoro no portão, meio sem graça, sempre que ameaçava melhorar era atrapalhado por alguém que aparecia na rua. Mas, aos poucos, eu ia conseguindo derreter aquela fortaleza. Já lhe dava beijos mais gostosos, alguns amassos nos peitos; conseguia roçar o pau duro em suas coxas, sem levantar o vestido, é claro. Ela, por sua vez, já pegava no meu cacete, mas só rapidamente e por cima da calça. Mesmo assim, já valia a pena!

Não agüentando mais o tesão, conversei com uma amiga para sairmos de carro, juntos os três, pois só assim o pai de Lu consentiria. No dia marcado, peguei nossa amiga e fomos apanhar minha namorada. Ela apareceu com um curto vestido de seda cor-de-rosa, que mostrava suas pernas grossas e brancas como leite. Não usava sutiã. Saímos e fomos a uma pizzaria afastada do centro da cidadezinha, para conversarmos e tomar uns chopes. Pelo menos deveria parecer assim.

Conforme já havia combinado, na saída a amiga foi ao banheiro, enquanto eu e Lu íamos sozinhos para o carro, que premeditadamente deixara estacionado em um canto escuro. Abri a porta e pedi a minha namorada que sentasse no banco de trás. Em princípio, não quis, mas depois acabou aceitando. Sentei-me ao seu lado e dei-lhe um beijo bem gostoso. Com uma mão na nuca, fui vencendo sua resistência e continuei minha desbravação. Enfiei a mão pelo decote de Lu e, pela primeira vez, senti a textura dos seios macios e consistentes.

Meu cacete já estava prestes a rasgar a calça. Então, coloquei a mão de minha namorada sobre o volume, que ela começou a apertar tímida e desajeitadamente. Ela jamais havia feito nada parecido. Peguei em seus joelhos e tentei abrir-lhe as pernas, em vão. Mudei de tática. Enfiei a mão sob o vestido, pelo lado de fora das coxas, passando-a por debaixo da calcinha. Fiquei ali, a apertar-lhe a bunda, até que se acostumasse, o que não levou muito tempo.

Lu já estava espichando-se de tesão, quando, por baixo da calcinha, passei a mão para a frente e apertei seu monte de vênus. Senti que logo ela teria o primeiro orgasmo de sua vida. Puxei a mão um pouco mais para baixo e toquei aquela xoxota bastante cabeluda, pois não costumava depilar-se. Nesse momento, quem estava com as têmporas latejando era eu. Já que havia conseguido segurar, tocar aquele precioso presente, aquela gostosura, forcei um pouco com o cotovelo e, agora sim, ela abriu as pernas. Então pude sentir toda a extensão de sua xoxota, depois de puxar sua calcinha para o lado.

Apesar de excitados, eu estava num dilema: se parasse de bolinar Lu, para abrir minha calça, poderia quebrar o encanto do momento e ela recompor-se (já estava com o vestido pela cintura). Continuei a alisá-la com a mão esquerda, beijando-a, e com a mão direita fui abrindo meu cinto, zíper etc. Foram minutos longos demais, mas consegui. Puxei meu pau para fora e coloquei-o em sua mão. Ela apertou tanto e tão sem jeito que quase gritei.

Abaixei as alças do vestido de Lu e passei a sugar seus lindos seios. Seus bicos ficaram tão duros quanto meu pau. "Mama gostoso, assim... mais, com força", ela dizia gemendo, enquanto remexia os quadris indecentemente. Fui abaixando e passando a língua pela base dos seios, barriga, umbigo, enquanto continuava a alisar e apertar as duas tetas. Pulei por cima do monte em que se havia transformado seu vestido e passei a lamber a parte interna de suas coxas.

Lu já estava toda esticada para trás e com as pernas entreabertas. Puxei sua calcinha para o lado e, com os olhos já acostumados à escuridão, pude ver sua bocetinha linda, cabeluda e virgem de tudo. Separei seu pentelhos e coloquei a boca bem sobre seu grelinho, num beijo terno que a fez contrair-se toda. "Não faz isto, por favor! É sujo! Não... ai, que gostoso!" Quando comecei a passar a língua sobre seu grelo, Lu passou a ter o primeiro gozo da sua vida. Sua xoxota contraiu-se e deixou escorrer um líquido branco viscoso, enquanto dizia: "É gostoso demais! Pára, estou tonta... não... não pára não! Me possui, quero ser sua mulher... me come!"

Levantei-me o quanto pude, peguei meu pau duro e comecei a passá-lo na entrada da boceta virgem de Lu. Estava toda lambuzada. Fiquei pincelando e ela gozando, contorcendo-se, por várias vezes empurrando para dentro. Eu ficava no bota-e-tira, respeitando o selinho. Depois botei a cabeça, forcei um pouco, mas voltei atrás. Estava gozando, gozando como nunca havia gozado antes; jatos de esperma batendo em todos os cantos do carro. Mas preservei a virgindade de Lu!

Recompomo-nos e voltamos para casa, não sem antes pegar nossa amiga, que havia voltado à pizzaria com a desculpa (para o garção) de que estava esperando alguém.

Lu queria casar e, por isso, terminamos. Ela acabou casando-se pouco tempo depois, por um arranjo de famílias. O seu marido ganhou uma esposa virgem. Virgem... mas mulher!

Lucas, Caixa Postal 1.538, Belo Horizonte, MG, CEP 30161.

RELAÇÕES PERIGOSAS

Por algum tempo, fui um homem casado extremamente fiel. Mas, após viver a experiência que passo a relatar, tornei-me um caçador incansável de novas sensações. Esporadicamente, por motivos profissionais, costumo deslocar-me para as capitais mais próximas, como Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Em uma dessas oportunidades, utilizando um ônibus quase lotado, tive de ocupar um dos últimos lugares. Cansado e enfadado, aguardava com ansiedade a saída do carro, para dormir. Era uma viagem noturna. O lugar ao meu lado ainda não havia sido ocupado. Quem dera aparecesse uma mulher interessante para ocupá-lo, pensava.

Os últimos passageiros a embarcar foram um casal com ar superior e semblante fechado. Como restavam poucos lugares, o homem ocupou a poltrona ao meu lado e a mulher sentou-se junto a uma senhora de idade, no outro lado do corredor. Cumprimentei meu companheiro de viagem palidamente, demonstrando que não estava para muita conversa. Um acidente na estrada, entretanto, direcionou a atenção de todos, e o diálogo foi inevitável. Acabamos aproveitando para falar sobre os mais diversos assuntos. Felizmente, descobri que meu parceiro, de nome Diogo, era bastante culto e inteligente, dono de opiniões originais e de uma forma clara de expô-las.

A conversa ficou tão interessante, que a esposa do meu novo amigo, Laura, começou a tecer, também, alguns comentários rápidos pertinentes e oportunos. Aproveitei para observá-la melhor. Era charmosa e elegante. Vestia blusa verde de tecido leve e saia branca justa. Seus olhos eram expressivos e revelavam uma personalidade objetiva e cativante. Os contornos do seu rosto eram harmônicos e, somados aos longos cabelos morenos, formavam um todo digno de admiração. Estava curioso para vê-la de corpo inteiro e me condenei por não lhe ter prestado maior atenção quando o casal embarcou.

Quando Laura levantou para ir ao toalete, minutos depois, vi que a saia realmente acompanhava suas curvas, mostrando um bumbum redondo e gostoso, emoldurado pelos contornos de uma calcinha provocante. Quando o sol se pôs, avisei Diogo que pretendia descansar um pouco e lancei um último olhar para sua mulher. Havia uma réstia de luz e pensei ter observado um brilho maroto em seus olhos. Imaginação, certamente!

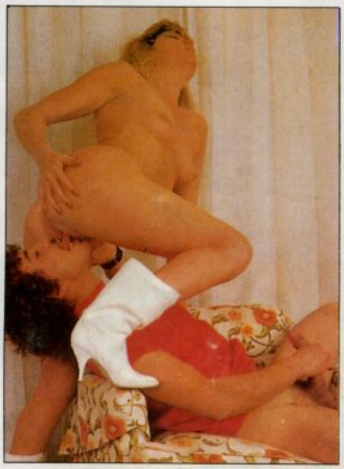
Devia estar dormindo há uma hora, após a última parada, quando acordei assustado. Uma mão audaciosa acariciava minha perna. "Desculpe tê-lo acordado", ouvi em sussurro. Reconheci a voz. Era Laura! "É que este teu jeito faminto de olhar me deixou louca de tesão. Posso beijá-lo?", completou. Não consegui raciocinar. A surpresa, o contato com os lábios ardentes daquela mulher, o guerrear de línguas, a troca de sabores e salivas, tudo me deixara alucinado.... Após recuperar o fôlego, perguntei por Diogo. "Não se preocupe. Pedi-lhe para trocar de lugar porque a velhota ao meu lado estava ressonando alto. E já que ele tem o sono pesado...", explicou.

Fiquei abismado com a tranqüilidade de Laura. As carícias recomeçaram. Que loucura! As pernas macias daquela fêmea sedenta abriram-se no instante que as toquei. Constatei, extasiado, que ela retirara a calcinha. Estava nua, molhada e quente. Suavemente, fui explorando seu sexo com a mão: muitos pêlos, clitóris saliente, grandes lábios intumescidos... Ela, com a língua em minha orelha, gemia: "Massageia gostoso... enfia o dedo um pouco! Agora mais fundo... assim, mais forte!" Senti o líquido viscoso do seu prazer escorrendo entre meus dedos. Seus sussurros viraram gemidos roucos de volúpia. Estava com meu sexo dolorido de tanta excitação. Laura arfava em sensações, contraindo músculos, cravando as unhas em meus braços e mordendo forte meu pescoço.

Depois do gozo selvagem, Laura recostou-se em meu ombro como criança sonolenta. Parecia outra mulher. Pronunciava palavras doces e carinhosas. Mas o descanso durou pouco. Como se o demônio a possuísse repentinamente, disse: "Quero chupar teu cacete! Quero teu gozo quente na minha boca!" Com mãos ágeis, abriu minha calça. Os 20 latejantes centímetros, agradecidos, escaparam para fora com facilidade. Seu grito de satisfação ao constatar o tamanho pareceu forte o suficiente para acordar quem quer que fosse. Olhei para Diogo e consegui vislumbrar seu rosto voltado para nós. Estremeci. Um facho de luz iluminou seus olhos. Pelos deuses, estavam fechados!

Laura não esmorecia. Existem mulheres que praticam o sexo oral para agradar os parceiros. Por mais que se esforcem, não são páreo para as que o fazem por prazer. Laura mordiscava, lambia, sugava, engolia e massageava. Só havia sentido tamanha gula em tia Kati, quando retirou, com sua boca insaciável, meus primeiros gozos de menino. O inusitado da situação fez com que o orgasmo demorasse. Isto a enlouquecia mais ainda.

Quando senti meu corpo estremecer, apertei sua cabeça com força, arranhei sua nuca e despejei jatos de esperma, lambuzando seu rosto por inteiro. Laura levantou os olhos brilhantes e disse: "Da próxima vez, aperte e arranhe mais forte!" Ficamos um tempo abraçados. Acariciei com ternura seus cabelos suados. Lá estava, novamente, a menina que se aninha para um afago. Quase adormecia, quando o demônio Laura se manifestou novamente: "Me fode no banheiro, cavalo gostoso!" Perplexo, pedi desculpas, dizendo



que os perigos da noite já haviam sido suficientes. Ela calou.

Ao chegarmos ao destino, o dia amanhecia. Procurei aparentar pressa, para não ter de encarar Diogo. Peguei rapidamente minha bagagem de mão e despedi-me com um aceno. Ele segurou meu braço e disse: "Tivemos, eu e Laura, um prazer enorme em te conhecer. Gostamos muito de pessoas inteligentes e de grande caráter. Pena não termos tido mais tempo ou disposição para um relacionamento completo!" Essas palavras ficaram martelando em meu cérebro por muito tempo. Hoje, experiente, sei que Diogo observou tudo e excitou-se muito com as loucuras de sua mulher. O arrependimento pela não aceitação da última proposta de Laura é doloroso. Espero que, caso o casal leia este relato, entre em contato comigo.

Coloco-me, também, à disposição de outros casais e/ou mulheres desejosos de um relacionamento adulto e completo com um homem obcecado por relações perigosas.

Beto, Caixa Postal 456, Santa Maria, RS, CEP 97001.

PRISCILA

COM AR DE GAROTA SAPECA E O ARDOR DE UMA FERA, PRI NOS REVELA, COM TODA GRAÇA, CHARME E SENSUALIDADE, SUA FONTE DE PRAZER, ESTE VULCÃO PRESTES A EXPLODIR

GRAZIELLA

MEIO ACANHADA, ESTA MODELO
NOS MOSTRA SUA GRUTINHA
MARAVILHOSA, SEMPRE RECEPTIVA
AOS PRAZERES DA CARNE

TAMARA

COM AR MAROTO DE QUEM RECONHECE SEUS PREDICADOS, TAMARA SE EXPÕE TOTALMENTE. ELA ADORA ARREGAÇAR-SE, ESCANCARANDO TUDO O QUE TEM DIREITO